



**10 DE FEVEREIRO 2009**  
Terça-feira

- **A DIFÍCIL MISSÃO DE EMPREGAR**
  - POR ROBERTO SOTOMAIOR KARAM – PRESIDENTE DO SINDIMETAL/ PR
- **PARA SINDIMETAL, SETOR VIVE ACOMODAÇÃO**
  - ENTREVISTA CONCEDIDA PRLO PRESIDENTE DO SINDIMETAL/ PR
- **PARANÁ PUXA A QUEDA DO EMPREGO NA INDÚSTRIA**
- **OCUPAÇÃO TEM QUEDA RECORDE E GENERALIZADA NA INDÚSTRIA EM DEZEMBRO**
- **EMPREGO INDUSTRIAL CAIU 3% NO PR**
- **PRODUTIVIDADE CRESCE SÓ 1,2% E INDICA AJUSTE NO EMPREGO**
- **PRODUÇÃO DE CARROS QUASE DOBRA**
- **GENERAL MOTORS VAI DEMITIR 10 MIL PESSOAS**
- **NISSAN NÃO DEMITE NO PAÍS**
- **RECESSÃO JÁ COMEÇOU NO BRASIL**

<b>Câmbio</b>		
<b>Em 09/01/2009</b>		
	<b>Compra</b>	<b>Venda</b>
<b>Dólar</b>	2,243	2,244
<b>Euro</b>	2,922	2,924

**A DIFÍCIL MISSÃO DE EMPREGAR**

➢ POR ROBERTO SOTOMAIOR KARAM – PRESIDENTE DO SINDIMETAL/ PR

10/02/2009 – Gazeta do Povo – Roberto Karam

Atitudes do governo em tentar intimidar ainda mais os empresários não estão funcionando. O ministro do Trabalho critica as empresas que estão demitindo, mas ao mesmo tempo tenta aprovar uma resolução que dificultará a manutenção do emprego

O fantasma da crise econômica mundial continua assombrando o mercado internacional. As demissões ocorridas no final de 2008 e no início deste ano estão se tornando uma das grandes preocupações do governo brasileiro. E não é para menos. De acordo com a Secretaria Estadual do Trabalho, Emprego e Promoção Social (Setp), a média diária de pedidos para o seguro-desemprego aumentou 33% no Paraná em janeiro. O movimento é ainda mais forte na capital paranaense, onde a Agência do Trabalhador registrou neste mês um acréscimo de 44% no número de requerimentos.

Já o nível de emprego na indústria brasileira acompanhou o ritmo da produção e caiu 0,6% em novembro de 2008 em relação ao mês anterior. Essa é a maior queda mensal apurada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) desde outubro de 2003.

Atitudes do governo em tentar intimidar ainda mais os empresários não estão funcionando. O ministro do Trabalho e Emprego, Carlos Lupi, critica as empresas que estão demitindo, mas ao mesmo tempo tenta aprovar uma resolução que dificultará a manutenção do emprego, criando novas regras, mais complexas, para a utilização dos recursos advindos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT).

Parece que o governo não está conseguindo analisar a realidade das empresas. Ao invés de tentar criar fórmulas de punição ao empregador atingido pela crise, deveria pensar em maneiras eficazes de estimular o consumo, o que poderia modificar o cenário econômico atual.

A legislação brasileira já estabelece a possibilidade da redução salarial em negociação coletiva, seja vinculada à redução de jornada, seja condicionada a programas de qualificação profissional, que é o que vem ocorrendo neste momento. Mas parece que tais alternativas não estão agradando parte dos trabalhadores e dos representantes sindicais, bem como do governo. A utilização desta lei, em qualquer das situações citadas, é uma maneira que o empregador tem de manter os empregos, mesmo em um momento desfavorável para o setor metal-mecânico.

Se o governo continuar colocando entraves nas negociações dos acordos de suspensão dos contratos de trabalho, ou de redução de jornada com redução de salários, empresários serão obrigados a demitir.

A difícil missão de manter os empregados está chegando ao fim e os nossos governantes parecem achar que mais entraves podem modificar a situação. Que ilusão. O ideal seria abrir os olhos para a verdadeira solução ao invés de criar ainda mais assombrações em prol da demissão.

**Roberto Karam é presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado do Paraná (Sindimetal).**

**PARA SINDIMETAL, SETOR VIVE PERÍODO DE ACOMODAÇÃO**  
➤ ENTREVISTA CONCEDIDA PELO PRESIDENTE DO SINDIMETAL/ PR

09/02/2009 – Jornal do Estado



*Indústria metalúrgica aposta em retomada do crescimento a partir do segundo semestre de 2009*

Os números da indústria automobilista divulgados ontem, que apontam um recuo de 27% frente a igual mês de 2007, mas um crescimento de 92% na produção de veículos em janeiro desse ano, ante a dezembro do ano passado, são vistos como o início da acomodação do mercado. Para **Roberto Karam, presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado do Paraná (Sindimetal/PR)**, o atual momento é muito preocupante, mas não está longe de uma realidade brasileira já vista anteriormente.

Segundo o **Karam**, as indústrias do setor metal-mecânico estarão voltando, no segundo semestre de 2009, aos índices do primeiro semestre de 2007, quando a produção de automóveis alcançou 1,39 milhão de unidades, contra 1,69 milhão no mesmo semestre de 2008.

“Desde o segundo semestre de 2007 estamos presenciando um período de alto consumo e, conseqüentemente, de larga escala de produção. É normal que depois de um tempo os índices fiquem estabilizados e até voltem aos patamares anteriores”, explica.

**Karam** lembra que o setor teve um recuo de 48% nas vendas em dezembro do ano passado. Já em janeiro, a queda foi de 35%. “Estamos ainda longe do fim da crise, mas estamos voltando a crescer em um ritmo mais de acordo com a realidade”, afirma. Para **Karam**, o excesso de crédito no mercado, a partir do segundo semestre de 2006, acabou provocando uma bolha consumista e irreal. “Chegamos a crescer 8% ao ano, em 2008”, lembra. “A expectativa para 2009 é de que cresçamos 2%”, afirma ressaltando ser este um patamar mais realista.

Para **Karam**, isto não representa uma recessão e, sim, mais estabilidade. “Com menos crédito, as pessoas estão pensando mais antes de comprar e isto explica, também, a queda da produção no final de 2008.

O momento de aceleração foi transformado em cautela e refreada de consumo”, diz. Ainda de acordo com o presidente, a mesma coisa está acontecendo com os níveis de emprego, uma vez que, no final de 2007 e no início de 2008, devido à aceleração econômica, chegou até a faltar mão-de-obra qualificada nas indústrias.

“Os empresários chegaram a treinar os trabalhadores para poder contratar. Não é de se surpreender que a taxa média de desemprego no primeiro semestre de 2008 tenha ficado em 8,3%, abaixo dos 9,9% apontados em 2007 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)”, explica.

**Karam** comenta que neste ano o Brasil deve continuar crescendo, mas não de uma forma tão acelerada. “Os empresários devem entender que o momento é de cautela e acomodação. O grande objetivo agora deve ser incentivar o consumo e lembrar que, apesar da turbulência econômica, se analisarmos os números de 2007, vamos entender que só estamos voltando ao ritmo anterior de produção”, finaliza.

***Criado em 1959, O Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado do Paraná representa mais de 3.100 empresas em aproximadamente 85 cidades do Estado.***

## PARANÁ PUXA A QUEDA DO EMPREGO NA INDÚSTRIA

10/02/2009 – O Estado do Paraná



O Brasil sofreu, em dezembro, uma queda de 1,8% no emprego industrial, em relação ao mês anterior, na série com ajuste sazonal. O índice foi divulgado ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e é o maior declínio registrado desde o início da série da pesquisa, em 2001.

O resultado já é o terceiro negativo consecutivo - somadas, as perdas acumulam 2,5%. Ainda assim, o emprego no acumulado de 2008 ficou positivo, com alta de 2,1% no Brasil e 1,06% no Paraná.

Em comparação a dezembro de 2007, a queda foi de -1,1%, a primeira negativa do País após 29 meses consecutivos de expansão. No Paraná, a taxa foi ainda menor: -3,05%.

De acordo com o economista da Coordenação de Indústria do IBGE, André Macedo, setores como vestuário e madeira - este com uma queda de 21% - estiveram entre os principais responsáveis pela queda nos índices, tanto no Paraná como no restante do País.

“Alguns setores que vinham pressionando positivamente o emprego também mostraram menores índices de crescimento ou taxas negativas”, completa Macedo.

Ele destaca os setores dos meios de transporte, que apresentou queda de 1,09% em dezembro, e o de máquinas e equipamentos, que cresceu 5,2% - um ritmo considerado por ele bem menor que a média, de 20,4%. “Esses setores vinham liderando o crescimento do emprego industrial no Paraná”, aponta.

Além do Paraná, São Paulo (-0,8%), Santa Catarina (-3,2%), e a região Nordeste (-2%) exerceram, segundo o relatório do IBGE, as pressões negativas mais significativas no índice, em comparação a dezembro de 2007. São Paulo, que

responde por aproximadamente 35% do emprego industrial, não mostrava queda nesse indicador desde abril de 2004 (-0,8%).

Segundo o economista do IBGE, os resultados negativos do mercado de trabalho do setor industrial em dezembro refletem a forte perda de dinamismo na produção do setor no último trimestre do ano passado.

Macedo observa, ainda, que o emprego habitualmente responde com defasagem aos movimentos na atividade, mas como a perda na produção no final do ano passado foi muito intensa, ainda não é possível saber se os resultados na ocupação de dezembro são um "contágio final" ou tendem a se aprofundar nos próximos meses.

#### Renda

O valor da folha de pagamento real dos trabalhadores da indústria caiu 0,7% em dezembro ante novembro, na série com ajuste sazonal. Foi a terceira taxa negativa consecutiva apurada nessa base de comparação.

Nos confrontos com iguais períodos do ano anterior, os resultados da folha continuaram positivos: 4,1% ante dezembro de 2007 e 6,0% no acumulado no ano. No Paraná, os índices ficaram, respectivamente, em 5,36% e 7,73%.

### OCUPAÇÃO TEM QUEDA RECORDE E GENERALIZADA NA INDÚSTRIA EM DEZEMBRO

10/02/2009 – Valor Econômico

O nível de emprego na indústria seguiu o ritmo da produção e caiu pelo terceiro mês consecutivo. Em dezembro, o nível caiu 1,8%, na comparação com novembro, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Esta foi a maior retração desde 2001, quando a série histórica foi iniciada. Em novembro, na mesma base de comparação, a queda havia sido de 0,6% sobre outubro.

Em relação a dezembro de 2007, houve queda de 1,1%. Essa retração interrompeu uma série de 29 resultados positivos nessa comparação e foi o menor resultado desde janeiro de 2004, quando o emprego na indústria havia recuado 1,2%. Ao longo de 2008, o IBGE verificou crescimento de 2,1% em relação ao ano anterior. "O emprego na indústria vinha em um ritmo muito bom, com alta de 2,7% até setembro. Sem os efeitos da crise, tinha grandes chances de ter fechado 2008 em nível recorde", avaliou a economista da coordenação de Indústria do IBGE, Denise Cordovil. No último trimestre de 2008, houve variação negativa de 1,1% na comparação com o trimestre imediatamente anterior, interrompendo uma série de dez trimestres com variações positivas.

O valor da folha de pagamento dos trabalhadores da indústria registrou também a terceira contração consecutiva, com queda de 0,7% em dezembro, na comparação com o mês anterior. Em relação a dezembro de 2007, houve incremento de 4,1%, 36 alta consecutiva. Em 2008, a folha de pagamento na indústria avançou 6%.

Os dados do IBGE indicam que a queda foi disseminada, tanto entre os setores, como entre as regiões. Na comparação com dezembro de 2007, houve diminuição dos postos de trabalho em nove dos 18 setores pesquisados. Entre as 14 regiões avaliadas, houve queda em 11 locais, com destaque para Santa Catarina (-3,2%), Paraná (-3,1%), Região Nordeste (-2%) e São Paulo (-0,8%). Foi a primeira queda nesse indicador, na indústria paulista, desde abril de 2004.

Em São Paulo e em Santa Catarina, o destaque negativo ficou por conta do setor de vestuário, com retrações de 11,3% e 14,2%, respectivamente. No Paraná, o nível de emprego na indústria madeireira caiu 21% em relação a dezembro de 2007. No resultado fechado de 2008, o IBGE observou crescimento em 12 dos 18 ramos e em 11 dos 14 locais pesquisados. As principais influências no ano vieram de São Paulo (3%) e Minas (4,2%).

A possibilidade de que haja certa recuperação da atividade industrial em janeiro não implicará, necessariamente, em reflexos imediatos no nível do emprego na indústria, segundo a economista da coordenação de Indústria do IBGE. Denise Cordovil explicou que existe uma certa defasagem entre os movimentos da produção e do emprego, e que o reflexo inicial ocorre no número de horas pagas. "O empresário ajusta o número de horas pagas antes de contratar ou dispensar, alternativas que requerem mais custos", afirmou.

Denise comentou que houve desaceleração generalizada no nível de emprego na indústria após o agravamento da crise, em setembro de 2008. Alguns setores ainda mantêm taxas positivas, como máquinas e equipamentos (2,3%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (3,2%) e meios de transporte (1,1%). "Alguns desses segmentos vinham crescendo, frente ao mesmo período do ano anterior, com taxas bem mais elevadas", observou.

## EMPREGO INDUSTRIAL CAIU 3% NO PR

10/02/2009 – Gazeta do Povo

A retração na produção industrial no fim de 2008 foi acompanhada pelo encolhimento no nível de emprego no setor. Em dezembro, houve uma queda de 3,08% no número de pessoas trabalhando na indústria paranaense, na comparação com o mesmo mês de 2007. No Brasil, a retração foi de 1,1% no mesmo período. O número negativo coloca fim a uma sequência de 29 meses de crescimento do índice. Além disso, a pesquisa divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontou a maior diminuição mensal da série iniciada em 2001, uma queda de 1,8% de novembro para dezembro.

O efeito da crise sobre o emprego industrial começou a aparecer entre setembro e outubro, mas se intensificou em dezembro. Para especialistas, isso mostra que desde o início parte das empresas não encarou o esfriamento do mercado como passageiro. "Em um cenário de muita incerteza, como foi entre outubro e dezembro, muitas empresas preferiram cortar vagas por não enxergar uma possibilidade de recuperação no curto prazo", diz o economista Carlos Magno Bittencourt, professor da PUC-PR.

### Reversão

A partir de setembro houve uma grande reversão no mercado de trabalho. O emprego industrial vinha crescendo a uma taxa de 2% ao mês e entrou em território negativo em outubro. O setor de veículos brasileiro, por exemplo, chegou na metade de 2008 com um número de trabalhadores 8% maior do que no mesmo período de 2007, alta que se reduziu a 1% em dezembro. Processo parecido ocorreu nas indústrias de máquinas, equipamentos elétricos e produtos químicos.

No Paraná, as indústrias que registraram as maiores quedas em dezembro, na comparação com o mesmo mês de 2007, foram as de madeira (retração de 21%),

vestuário (-20%) – áreas que mesmo antes da crise estavam em queda – e produtos químicos (-19%), que foi bastante afetada pela desvalorização cambial que encareceu a importação de fertilizantes. A pesquisa do IBGE também aponta uma inversão de tendência nas indústrias de veículos, metalurgia e máquinas e equipamentos. As três operavam com índices de emprego mais altos até setembro e passaram a reduzir os quadros a partir de outubro.

O economista Cid Cordeiro, do Dieese, lembra que, segundo o Ministério do Trabalho, o estado perdeu 30 mil vagas na indústria nos dois últimos meses do ano. "Até setembro, o número de vagas abertas pela indústria crescia a uma taxa anualizada de 7%. Em dezembro, esse dado caiu para 3,8%", diz. "O ciclo de transmissão da crise financeira para a economia real foi muito curto e amplo."

A velocidade nos cortes não surpreendeu o economista Gilmar Mendes Lourenço, coordenador do curso de economia da FAE Centro Universitário. "O primeiro trimestre é geralmente mais fraco do que o fim de ano e as empresas se prepararam para um período mais longo de produção menor."

Para Lourenço, os cortes na indústria devem continuar, principalmente nas fábricas de bens duráveis, como veículos, e bens de capital, como máquinas e equipamentos, que ainda tentam segurar a mão-de-obra, apesar das vendas menores. Carlos Magno Bittencourt, da PUC-PR faz análise parecida. Segundo ele, mesmo que haja uma pequena recuperação neste começo de ano, não haverá contratações.

Cordeiro, do Dieese, avalia que há a possibilidade de estabilização do mercado de trabalho. "Os cortes do fim de ano anteciparam um cenário muito ruim. Assim, a geração de emprego terá um desempenho baixo, mas sem a repetição do que se viu em dezembro."

## PRODUTIVIDADE CRESCE SÓ 1,2% E INDICA AJUSTE NO EMPREGO

10/02/2009 – Gazeta do Povo

Davilym Dourado/valor



*Pedro Passos, membro do Conselho da Natura, espera, ao longo de 2009, uma "repactuação" da tendência de aumentos reais e de novas contratações*

A produtividade na indústria brasileira cresceu apenas 1,2% no ano passado, um resultado muito inferior ao ganho de 4,1% obtido em 2007. Este aumento não permitiu ao setor compensar toda a elevação dos gastos com a folha de pagamento, fazendo o custo unitário do trabalho subir 2,8%, o que indica que a indústria deve fazer ajustes ao longo de 2009 para compensar este custo. Para empresários e economistas, o tamanho deste ajuste futuro (via demissões e redução das horas pagas) é uma incógnita, pois depende do próprio patamar de produção no qual o setor vai se estabilizar após o período de ajuste de estoques e da própria demanda.

O pífio resultado da produtividade em 2008 decorreu de um aumento de 3,1% na produção e de 1,9% no total de horas pagas aos trabalhadores. O resultado do ano foi bastante comprometido pela retração da atividade industrial em dezembro, quando a produção caiu 12,4% e o total de horas pagas recuou 1,8%. Isso levou a uma queda de 10,9% na produtividade do mês em relação a novembro, feito o ajuste sazonal, de acordo com a Tendências Consultoria Integrada.

Até outubro, os ganhos de produtividade ainda cresciam com força, avançando 3,4% acima do mesmo período do ano passado. O ciclo positivo foi interrompido em novembro, quando a indústria registrou queda de 5,2%. Em 2008, os gastos das indústrias com a folha de pagamento subiram 3,97%, superando a alta de 1,2% da produtividade, combinação que levou ao aumento de 2,8% do custo unitário do trabalho. Apenas em dezembro, o custo aumentou 13,3%, segundo cálculo da Tendências.

<b>Piora no cenário</b>			
Variação dos indicadores industriais em 2008 (%)			
<b>Setor</b>	<b>Produção</b>	<b>Produtividade</b>	<b>Custo unitário do trabalho</b>
Indústria Geral	3,1	1,2	2,8
Indústrias Extrativas	3,8	-1,8	5,1
Indústria de Transformação	3,1	1,2	2,7
Alimentos e Bebidas	0,5	-0,9	1,4
Fumo	-7,0	6,0	2,8
Têxtil	-1,9	2,9	1,5
Vestuário	3,5	10,2	-2,7
Calçados e Couro	-6,7	2,7	0,0
Madeira	-10,2	-1,8	9,9
Papel e Gráfica	4,0	2,8	-5,8
Coque, Refino de petróleo, Combustíveis Nucleares e Álcool	0,4	-10,0	17,5
Produtos Químicos	0,6	-3,0	6,1
Borracha e Plástico	2,2	1,7	0,8
Minerais Não-Metálicos	8,3	3,4	6,5
Metalurgia Básica	3,3	-5,4	8,6
Produtos de Metal - exclusive máquinas e equipamentos	2,5	-3,8	10,9
Máquinas e Equipamentos - exclusive elétricos, eletrônicos, de precisão e de comunicações	6,0	-4,4	2,5
Máquinas e Aparelhos Elétricos, Eletrônicos, de Precisão e de Comunicações	-0,4	-8,1	6,4
Fabricação de Meios de Transporte	13,2	3,9	-0,7
Fabricação de Outros Produtos da Indústria de Transformação	-0,8	0,2	-0,9

Para o economista-chefe da MB Associados, Sérgio Vale, os números de produtividade e do custo do trabalho indicam tanto uma desaceleração do crescimento da renda quanto uma possibilidade de aumento do desemprego. "As duas coisas devem acontecer - aliás, já estão em andamento." Vale não acredita que o grosso do ajuste no mercado de trabalho tenha ocorrido em dezembro e janeiro. "Como é um movimento de desaceleração de demanda por conta da crise de crédito e de confiança, mesmo que ela comece a ser restaurada, as quedas de atividade em relação ao ano passado continuam fortes", diz ele, estimando que, em janeiro, a indústria tenha caído 9% em relação ao mesmo mês do ano passado. "A percepção de atividade fraca deve continuar, só agravando o cenário de emprego."

O economista Rogério César de Souza, do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), observa que o mercado de trabalho responde com atraso às mudanças na conjuntura. Para ele, certamente haverá ajustes no nível de emprego em muitos setores. O aumento do custo do trabalho superior à elevação da produtividade indica a necessidade de reduzir gastos com folha. "O cenário para o emprego industrial no futuro próximo ainda é negativo."

Souza diz que os cortes no setor automotivo, por exemplo, possibilitaram ajustes na indústria de materiais de transporte, que encerrou o ano com queda no custo do trabalho de 0,7%. As demissões, contudo, ficaram muito concentradas em São Paulo.

"Estados como Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, que têm indústria metalúrgica forte, ainda apresentaram redução pequena no emprego em dezembro, o que sinaliza que essas regiões ainda farão ajustes." Para ele, os setores de bens duráveis, máquinas e equipamentos e ligados à cadeia automotiva serão os primeiros a realizar novos ajustes. Os setores têxtil, de vestuário, calçados, madeira e fumo, que já tiveram resultados ruins ao longo de 2008, também devem cortar, mas em menor nível.

Para a economista da Tendências Ariadne Vitoriano, o aumento do custo unitário não é tão preocupante quanto parece, pelo menos do ponto de vista inflacionário. "O aumento do custo poderia gerar pressão sobre os preços. Mas como os dados da atividade estão ruins, é pouco provável que haja repasse." Ela diz que houve um grande número de negociações de redução de jornada com corte de salários e suspensão temporária de contratos de trabalho, medidas que já ajudaram a reduzir gastos com folha de pagamento em janeiro.

O mais otimista é o economista-chefe da LCA Consultores, Bráulio Borges. Ele cita a alta de 92,7% na produção de automóveis em janeiro sobre dezembro (85% com ajuste sazonal). "Como foi um dos setores que mais contribuíram para a queda da produção em dezembro e como em janeiro mais do que recuperou a queda anterior, é provável que a produção aumente em janeiro e, com ela, a produtividade." Ele observa, porém, que a produção automotiva ficou 27,1% abaixo da de janeiro de 2008.

Para Borges, a melhora na produção de veículos, somada à redução do emprego, deve proporcionar uma redução no custo do trabalho. Ele lembra também que outros custos - como os preços do aço e do petróleo e derivados - caíram bastante nos últimos meses, o que permite às indústrias acomodar parte do aumento de despesas com o custo da mão-de-obra.

Os empresários mostram uma visão cautelosa ao falar das tendências do emprego. Pedro Passos, sócio-fundador e membro do conselho da Natura, vê uma "repactuação" no mercado de trabalho. Até um pouco antes do agravamento da crise, havia uma "tendência muito forte em alguns setores de contratação de mão-de-obra e aumentos reais de salários", diz ele. "Agora há uma acomodação no uso de recursos, e não apenas da mão-de-obra." Passos acredita que essa "repactuação e reorganização das forças de produção" pode se estender ao longo de 2009.

Para Miguel Sampol Pou, membro do conselho consultivo da Klabin, a duração do processo de ajuste no mercado de trabalho vai depender da reação do mercado de bens e serviços: "Se houver alguma reação nesses mercados, nós também veremos essa reação na questão da mão-de-obra."

O presidente do conselho da Gerda, Jorge Gerda, diz que é difícil dizer se o processo de redução dos postos de trabalho vai se estender ao longo dos próximos meses. Para Gerda, uma vez concluído o processo de ajuste de estoques, a economia pode se normalizar, o que poderia conter o impacto negativo sobre o mercado de trabalho. Isso não quer dizer, porém, que ele se sinta confiante em dizer que a situação vai se tranquilizar. "Não dá para ter previsões muito claras", afirma ele, citando as incertezas sobre a evolução global e mesmo sobre o ajuste de estoques.

## PRODUÇÃO DE CARROS QUASE DOBRA

10/02/2009 – Gazeta do Povo

A produção da indústria automobilística voltou a crescer em janeiro, depois de cinco meses em declínio. No mês passado, foram produzidos 186,1 mil veículos (automóveis, comerciais leves, caminhões e ônibus) no país, quase o dobro que em dezembro (92,7%). Já as vendas mostraram uma leve recuperação, com alta de 1,5%, atingindo 197,5 mil unidades, contra 194,5 mil em dezembro. Mas, diante dos números de janeiro de 2008 — 255,2 mil veículos fabricados e 215 mil vendidos —, a produção caiu 27,1% e as vendas, 8,1%. Os dados foram divulgados ontem pela Anfavea, associação que reúne as montadoras instaladas no país.

Apesar da melhora dos indicadores de desempenho do setor, atribuída principalmente à redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e à recuperação da oferta de crédito, a entidade adiou mais uma vez o anúncio de suas projeções para o mercado este ano. "A redução do IPI teve efeito direto e há uma expectativa de que a recuperação continue, mas ainda é difícil dizer onde vai se estabelecer o novo patamar do mercado", disse o presidente da Anfavea, Jackson Schneider.

Os primeiros números de fevereiro são positivos: até o dia 6, a produção andava a um ritmo de 10,8 mil unidades por dia, e as vendas, de 9,9 mil veículos. "As vendas estão sendo retomadas, mas não esperamos volumes iguais aos de antes", afirmou Schneider.

A produção do setor atingiu seu auge em julho, com 317,9 mil unidades, e hoje está situada em menos de dois terços daquele número. Com as férias coletivas de final de ano, que avançaram até a segunda semana do mês, em alguns casos, e a recuperação nas vendas, os estoques nas montadoras e concessionárias fecharam janeiro em 193.384 unidades, o equivalente a 31 dias de vendas, depois de ter chegado a 305 mil unidades em dezembro, ou 56 dias de vendas.

Questionado sobre as filas para comprar alguns modelos, Schneider negou que as montadoras tenham exagerado nos ajustes na linha de produção. Segundo ele, os problemas de desabastecimento são pontuais.

Mas, se no front doméstico houve avanço, as exportações preocupam. Em janeiro, as vendas externas da indústria automobilística somaram US\$ 428,3 milhões, valor 50,5% menor que o das exportações de dezembro. Diante de janeiro de 2008, essa queda chega a 58,2%. "Todos os nossos mercados (Europa, Estados Unidos e América Latina) estão caindo", observou Schneider.

## GENERAL MOTORS VAI DEMITIR 10 MIL PESSOAS

10/02/2009 – Valor Econômico

A montadora norte-americana General Motors (GM) anunciou hoje que vai demitir neste ano 10 mil pessoas no setor administrativo.

Este anúncio é parte do plano de reestruturação que o grupo espera adotar para convencer o governo dos Estados Unidos a liberar ajuda de vários bilhões de dólares. O plano de retomada deve ser apresentado até 31 de março, com um relatório prévio até 17 de fevereiro.

"A GM declarou necessidade de reduzir seus efeitos no plano de reestruturação submetido ao Congresso em 2 de dezembro", explicou o grupo em um comunicado. "O anúncio de segunda-feira ativa a adoção desta medida do plano", acrescentou.

As demissões ocorrerão em todas as regiões do mundo e dependerão dos níveis de efetivos e das condições de mercado, indicou a GM, sem dar detalhes dos cortes previstos por região.

## NISSAN NÃO DEMITE NO PAÍS

10/02/2009 – Gazeta Mercantil

Curitiba, 10 de Fevereiro de 2009 - A japonesa Nissan, controlada em 44% pela francesa Renault, informou ontem que diante de perdas previstas de US\$ 2,9 bilhões para o fechamento de seu ano fiscal 2008-2009, que se encerra em março próximo, pretende reduzir em 8,5% seu quadro de funcionários até 2010, demitindo cerca de 20 mil pessoas, e passando a ter 215 mil empregados em todo o mundo. Segundo a assessoria da empresa no País, "os cortes não vão atingir o Brasil onde os planos estão mantidos". Em 12 de janeiro passado, a Nissan lançou o Livina no País e, no final de 2008, passou a fabricar a nova Frontier na unidade que divide com a Renault em São José dos Pinhais (PR). "A fábrica está ocupada com a produção destes novos modelos e não há demissões previstas", informou a assessoria.

Em 2007, a Nissan vendeu 11.883 veículos no Brasil e em 2008 o volume subiu para 17.390. O Sentra e o Tiida, carros de passeio, foram responsáveis por mais de 50% das vendas, com 10.129 veículos. O grupo japonês anunciou em comunicado que reduzirá sua produção mundial em 787 mil unidades até o final de março e que irá suspender o plano estratégico GT 2012, apresentado no ano passado, além de reduzir os salários entre 5% e 10% dos diretores. A Nissan espera prejuízo operacional, o primeiro em 14 anos, de 180 bilhões de ienes (US\$ 2 bilhões) para o ano que se encerra em 31 de março, em vez do lucro de 270 bilhões de ienes que havia projetado há apenas três meses. A empresa já eliminou 2.000 empregos temporários no Japão e conseguiu 1.200 cortes de vagas via aposentadorias voluntárias nos EUA.

"Em todos os cenários de planejamento que construímos, as nossas piores hipóteses sobre o estado da economia mundial têm sido atingidas ou ultrapassadas, com a continuação do aperto sobre o crédito e o declínio da confiança dos consumidores sendo os fatores mais prejudiciais", disse o presidente e CEO da Nissan, o brasileiro Carlos Ghosn no comunicado. "Olhando para o futuro, a nossa prioridade continua em proteger o nosso fluxo de caixa livre e ações rápidas, adequadas e de impacto destinadas a melhorar o desempenho das empresas", acrescentou.

(Gazeta Mercantil/Caderno C - Pág. 1)(Norberto Staviski)

## RECESSÃO JÁ COMEÇOU NO BRASIL

10/02/2009 – Nota Políbio Braga

A economia brasileira já está tecnicamente em recessão. É isto. Os economistas consideram recessão qualquer sucessão de dois trimestres com crescimento abaixo do zero.

. Foi o que ocorreu no último trimestre do ano (menos 3%) e é o que está acontecendo neste trimestre (algo como 0,5% a 1% menos, segundo a MB Associados).

. A percepção desse enorme retrocesso é mascarada pelo resultado do PIB durante todo o ano de 2008, porque ao final e a cabo ele avançou 5,5% no acumulado de 12 meses.

. E para o ano de 2009 ?

. O FMI aposta em 0,5% para a economia global (3,3% em 2008) e 1% para o Brasil. Na semana passada, o BNDES ficou com 2,5%. O governo continua insistindo com 4,5%, mas nem Lula acredita mais que isto seja possível para o Brasil.

**PRODUÇÃO** – A desaceleração da produção industrial no último trimestre do ano foi devastadora. Os números de dezembro foram de menos 12,4%, os piores dos últimos 17 anos. A fabricação de veículos caiu 47% no mês, mas reage em janeiro. Bens de capital caminharam 22% para trás. Para janeiro a previsão é de nova queda na produção industrial.

**A ECONOMIA DESABA** - Os indicadores sobre o desempenho da economia ficaram cada vez piores ao final de 2008, apesar do crescimento do PIB no conjunto do ano. Os números de dezembro, comparados com igual mês do ano anterior, foram todos muito ruins: 1) caíram os investimentos (menos 2,9% no ano passado, ou algo como R\$ 551,2 bilhões, dos quais R\$ 53,2 bilhões das estatais). 2) o desemprego aumentou (1,9% menos empregos e menos 4,6% de horas trabalhadas). 3) a capacidade instalada das indústrias está sendo menos usada (80,2% em dezembro, contra 92% em julho e agosto ou 83% na média do restante do ano).

**EXPORTAÇÕES CAEM** – Em janeiro a balança comercial fechou pela primeira vez com déficit (US\$ 518 milhões) desde 2001. As importações bateram as exportações. Durante todo 2008, as importações avançaram mais (43,59% mais) do que as exportações (23,2% mais). As contas externas deterioraram-se, apesar das reservas de US\$ 200 bilhões.

**AJUSTE OU RECESSÃO** – O tamanho do tombo do trimestre anterior e do atual demonstram que a economia não passa apenas por um ajuste de estoques. Algo bem mais estrutural está em andamento.

**O EMPREGO CORRE RISCO** – A taxa de desemprego do ano passado ficou em 7,9% (a menor da história, com saldo positivo de 1,5 milhão de novos empregos criados), mas para este ano estima a empresa de consultoria LCA que a taxa poderá ir a 9%, caso o PIB cresça 1,8%, com saldo positivo de 578 mil vagas criadas (saldo entre admissões e demissões). O problema é que o Brasil precisa criar um milhão de novos empregos por ano (saldo). A população economicamente ativa é de 31,4 milhões de pessoas (eram 22,6 milhões em 2003).

**INFLAÇÃO SOB CONTROLE** – O dado econômico mais animador é o que diz respeito com a inflação. Pelo IPCA, a inflação fechou em 5,9% no ano (o teto era de 6,5%). Para este ano, o governo ficha a inflação em alguma coisa como 5%.